

RESENHA

CARVALHO, Manoel Jarbas Vasconcelos. Teoria do conhecimento e educação em Jean-Jacques Rousseau [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021, 532p. Disponível em: <http://www.Editorafi.org>. [ISBN: 978 – 65 – 5917 – 397 – 6 / DOI: 10. 22350/97-86 55 91 7397 6]¹

Tocado pela empolgação, pelo entusiasmo, até justificado, não propriamente pelo brilho do texto, mas pelo modo do tratamento do tema, fiz o prefácio do livro, publicado em 2021. Este trabalho, na verdade, uma tese de doutoramento em educação, defendido pelo autor em 2017, e convertida em livro. Essa eu pude acompanhar, passo a passo, participando, antes da banca de defesa, que conserva, inclusive, na publicação acadêmica, agora realizada, o mesmo título, permitindo-me notar que há uma pequena diferença, todavia, entre o título mais limitado, e a amplitude, que se nota do conteúdo, no quadro do desenvolvimento do próprio texto que é apresentado enquanto efeito de uma descoberta do próprio pesquisador, por alguma coisa de empatia, que termina um trabalho que redimensiona, aliás, a pesquisa, mesmo que o encanto seja Rousseau.

Entendo ser isto algo natural, e até compreensível. A timidez, e o sentimento de não poder tanto, é este tique, de fazer-se menor, de se inferiorizar, de uma cultura que conserva o hábito, ainda, desta prática de um certo transplantar, talvez, de ideias, neste âmbito, orgulhoso, de si, imponente, gerando esta consequência, a pesquisadores cheios de recursos, mas de que não se dão conta, fazendo-se então, muitas vezes, algo até natural.

Mas Rousseau coloca para nós esta dificuldade a mais, pois convida que tenhamos em conta o paradoxo e procuremos desprezar o preconceito, criando o desafio para que nos façamos autônomos tanto quanto possível, podendo-se produzir, sempre que seja permitido, o elemento original, o que não significa sair da escala zero. Antes pelo contrário, que estejamos abertos, isso sim, ao diálogo para fugirmos vigorosamente do dogmatismo. Esta é sua referência no *Emílio ou Da educação*, tido por ele mesmo como seu “grande tratado”, colocando-o, portanto, acima dos outros escritos produzidos, neste gênero próprio.

Reli o texto do prefácio escrito numa sentada, e engavetado logo após à defesa, no qual confirmo, aliás, este detalhe do título, certificando o leitor que o texto trazia, sem o autor, de início, notar, revelando perceber, de maneira parcial, logo após, com a “introdução”, agora feita, do livro, valendo-se da recorrência às “*Confissões*”. Ora, aí é estampada a clareza e a originalidade resultante da triagem de textos, desta síntese enquanto consequência do contato com várias fontes, às quais termina aderindo com o pensamento que advém desta fusão, dessa mistura de elementos estranhos, diferentes, alheios, uns às outros, mas, que alguns são encontrados no âmago, aliás, de sua igual, quer dizer, da fonte mesma donde saiu, sem se estar, pois, necessariamente inventando algo.

¹ Com esta resenha, complementar, relativa ao prefácio do livro em questão, sinaliza-se o aspecto sistemático na escrita de Rousseau, em detrimento do espírito de sistema, que nos permite pensar a ideia de unidade da obra e o valor da escrita confessional e autobiográfica para efeitos da pertinência dos antagonismos, de sua notável fertilidade.

Muito melhor que, assim, tenha ficado, que assim seja, do que haver promovido um sério escorregão, quando se buscou sugerir essa leitura, essa exegese, do livro, com todos os seus limites apresentados e que deixo de explicitar, mesmo com seus méritos.

Essa referida “introdução” constitui-se de 4 páginas, sendo que o § inicial indica como foi localizada a questão da pesquisa que apresenta, coisa que teria acontecido no contato com o *Emílio ou Da educação*. O § 2 destaca, com a escrita, que o autor não estabeleceu especificamente uma “teoria do conhecimento”, como ele tratou de projetar o avanço, o progresso da educação, mas ao pensar, naturalmente, as bases da formação humana, teve de refletir, de repensá-la, gerando algo que é preciso mesmo ser conhecido, e estudado bem melhor, girando isso em torno deste fundamento que se anuncia.

Mais que isso, posso ainda dizer que o autor vai às *Confissões*, para extrair testemunho do próprio Rousseau, informando o público leitor, assim, como este caminha, como é edificada essa trama, como é feita uma tal costura, utilizando-se das vozes de vários autores que vão pouco a pouco sendo juntados, apresentando sem carecer desmentir, ao final, minha fala do “prefácio” que também era só uma suspeita, uma dúvida, que ganhou, ao final, pleno corpo.

O resultado é que hoje eu argumento ou mesmo manifesto, em fins quase do primeiro trimestre de 2024, este desejo latente de revelar produtos deste meu presente projeto em curso de desenvolvimento², tendo um pequeno tempo pela frente, ainda, para dizer desta unidade que exige do leitor, do estudioso, este olhar de consideração dos textos confessionais e autobiográficos necessariamente, baseando-se na busca do conhecimento de si, do autoconhecimento, que Rousseau indica, então, enquanto essenciais, chaves, para consolidarmos algum entendimento mais sólido sobre a escrita de temas nevrálgicos e basilares de seu pensamento, sobre o método de que se utiliza e de como, enfim, não trata apenas com textos e conceitos quando se discute as ideias de um iluminista que é um ponto desviado do trajeto, do percurso, comum em filosofia. Esse se mostra, fazendo-se às avessas, enquanto um especulador, em especial, e particularmente racionalista, uma vez que é, como ele diz, “feito de uma outra massa”, deixando de conservar o espírito de sistema comum para aderir ao espírito sistemático, próprio da ilustração francesa.

Assim, tudo indica que temos trabalho para fazermos pela frente, ainda, envolvendo esforços conjuntos e não conjuntos, bastando a definição do querer, e de como é de interesse realizarmos isto, pois é pouco provável de que se careça mais do que dois braços, talvez de, no mínimo, dois múltiplos de dois. Claro que isso é um gracejo, pois, o de que se preciso é de espírito, de ímpeto, para a colaboração, além deste acréscimo de uma boa dose de generosidade e de gosto por este fazer.

Digamos que esta seara guarda, enfim, mundo suscetíveis de serem descobertos, redescobertos, neste plano dinâmico, que é a vida, neste mundo transformado, mas

² Eis o projeto de pesquisa: O papel d’As confissões na construção da unidade de Rousseau – cadastro nº 12944, na PROPPG/UEL.

que ainda abriga o que gera esta renovação da graça, do riso, do desejo, até da esperança.

Tomara que assim possa se dar. Por certo, será motivo de podermos implementar o que nos falta, pouco a pouco, de otimismo, em meio a quadros melancólicos, entristecidos, quer dizer, que aterrissam em um mesmo plano, casualmente naquele que é o do quadro mal pintado, uma vez que o germe não se apaga de todo, e este registro é o que mais ocupou a cena até aqui, no que toca estes textos específicos de Rousseau.

Arlei de Espíndola

Doutor em filosofia pela Unicamp/SP

Professor associado da UEL

Email – earlei@sercomtel.com.br

26//03/2024